

O CICLO ROMANESCO DOS “SOBRADOS, LOJAS E FUNCOS”¹ DE HENRIQUE TEIXEIRA DE SOUSA

“The novelistic cycle of ‘Sobrados, lojas e funcos’ by Henrique Teixeira de Sousa”

Bruna Carolina de Almeida Pinto²

RESUMO: O presente artigo tem como propósito analisar a trilogia romanesca de Henrique Teixeira de Sousa formada por *Ilhéu de contenda* (1978), *Xaguete* (1987) e *Na Ribeira de Deus* (1992), narrativas que têm como cenário a ilha natal do autor, Fogo, do arquipélago de Cabo Verde. Partindo dos propósitos e preocupações deste em compor um ciclo literário que registrasse, por meio da ficção, as tradições e, sobretudo, as transformações de sua ilha ao longo do século XX, tece-se um paralelo com os pressupostos da literatura regionalista brasileira e a sua busca pela compreensão da formação sociológica, cultural e linguística do nordeste, de modo a evidenciar — pelas vias do empréstimo e da intensa circulação e identificação que se deram no período entre Brasil e Cabo Verde —, a configuração de uma moderna expressão literária, da qual Henrique Teixeira de Sousa vem a ser um dos mais prolíficos autores.

PALAVRAS-CHAVE: Trilogia; Literatura Cabo-verdiana; Henrique Teixeira de Sousa; Regionalismo literário.

ABSTRACT: This article proposes to analyze the novelistic trilogy by Henrique Teixeira de Sousa integrated by *Ilhéu de contenda* (1978), *Xaguete* (1987) and *Na Ribeira de Deus* (1992), whose scenery is his homeland, Fogo, from the Cape Verde's archipelago. Based on the purposes and concerns of it in composing a literary cycle register, through fiction, traditions and, above all, the transformation of his island during the twentieth century, it is done a parallel with the assumptions of the Brazilian regionalist literature and its pursuit for understanding the sociological training, cultural and linguistic from northeast, in order to identify — by way of loan and intense circulation and identification that occurred in the period between Brazil and Cape Verde — the setting of a modern literary expression, which Henrique Teixeira de Sousa becomes one of the most prolific authors.

KEYWORDS: Trilogy; Cape-verdean literature; Henrique Teixeira de Sousa; literary regionalism.

No Brasil, o movimento regionalista da década de 1920, iniciado em resposta às investidas de renovação artística do grupo Modernista,

¹A expressão foi utilizada pelo autor no título de seu ensaio sociológico sobre a ilha do Fogo, publicado no n° 8 da *Revista Claridade* (maio de 1958, p. 2-8), para tratar da divisão e da evolução dos quadros sociais que caracterizavam a ilha do Fogo. O sobrado é associado à habitação do colono branco, propriedade normalmente dividida em dois andares, ocupada na parte de cima pela casa cingida de sua longa varanda e na parte de baixo pela loja. Já os funcos eram habitações precárias construídas com pedras angariadas e folhas secas de palmeiras que serviam-lhe de telhado.

² Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual Paulista, campus Assis, bolsista FAPESP.

impulsionou a criação de obras que se dedicaram ao registro das tradições, costumes e peculiaridades dos sertões brasileiros, isto é, daquelas regiões de expressões culturais esquecidas porque distantes dos grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo, que então constituíam as potências culturais e econômicas, respectivamente, da época.

O Regionalismo de 1920 foi marcado por um pensamento tradicionalista que pregava essencialmente a recuperação das tradições nordestinas em meio à desenfreada crise do sistema econômico voltado para o cultivo da cana-de-açúcar, no qual se pautavam os valores patriarcais que caracterizavam a vida nos engenhos.

O movimento se centrou na capital pernambucana, onde se concentraram intelectuais aristocratas, sobretudo alunos formados ou em formação pela Faculdade de Direito de Recife, que passaram a discutir as propostas modernistas de 1922 e a revitalização das letras brasileiras com o intuito de reformular o sentido da arte na moderna sociedade que se erigia.

Para isso, os suportes jornalísticos assim como os periódicos (a exemplo do *Diário de Pernambuco* e do *Jornal do Commercio*, analisados por Azevêdo [1984]) foram veículos fundamentais para as divulgações e discussões que promoviam um amplo debate no país a respeito de seu futuro artístico-expressivo.

É com o retorno de Gilberto Freyre dos Estados Unidos, em 1926, que essa discussão se recrudesce e ganha maior fôlego diante das propostas ousadas dos modernistas pelo apagamento dos legados coloniais que se mostravam ainda tão evidentes na dinâmica social do país, impedindo-lhe a superação e o progresso. A proposta do jovem aristocrata recifense era, ao contrário, identificar na herança cultural portuguesa e na mistura desta com as tradições africanas, as verdadeiras raízes brasileiras.

Na década de 1950, as teorias do “lusotropicalismo” e da “democracia racial” elaboradas por ele, claramente favoráveis e engrandecedoras do “mundo que o português criou”, foram usadas pela propaganda salazarista para legitimar a presença portuguesa em suas colônias e argumentar contra os discursos de independência que se fortaleciam na África e na Ásia.

Nesse sentido, embora a trajetória intelectual de Freyre apresente momentos seriamente controversos, não se pode negar por outro lado a sua contribuição para os estudos raciais no Brasil, visto que ele foi um dos primeiros intelectuais do mundo a reconhecer a importância do negro para a sociedade brasileira e o impacto de suas tradições, transportadas junto de seus corpos da África, que contribuíram para criar o amálgama cultural que ele verificou ao estudar as relações entre a casa-grande e a senzala.

Muitos outros trabalhos foram realizados a partir de seus estudos, o que notadamente contribuiu para que se levasse para o âmbito científico o protagonismo do negro na constituição da sociedade brasileira.

Apesar de essa não ter sido a sua intenção principal, pois pelo seu ponto de vista enviesadamente tradicionalista, o negro era concebido como um mero instrumento para a construção da nação, que se realizava para ele em platônica harmonia (D'ANDREA, 1987, p. 87), ele lançou as bases para um futuro reconhecimento científico dessa substancial parcela da sociedade brasileira, desviando-se dos trabalhos que até então simplesmente a ignoravam em termos de atuação social.

Entretanto, esse reconhecimento não se fazia em função de uma transformação, mas sim de uma manutenção sistemática. Dessa forma, o Movimento Regionalista buscava, mais que relembrar pelo registro literário um tempo histórico já obsoleto, mas significativo para a região nordestina — entendida por ele como a mais antiga e legítima do Brasil —, ainda recuperar esses valores e revitalizá-los como forma de reação às modernas relações sociais originadas nas entranhas de um incipiente processo de modernização e urbanização desse espaço rural, de modo a restabelecer a “ordem” perdida (D'ANDREA, 1987, p. 90), ao mesmo tempo em que oferecia argumentos à manutenção da colonização portuguesa.

O que importa ressaltar é que a proposta regionalista de recuperação e registro das tradições direcionou as manifestações literárias que aderiram a esses ideais artísticos ao resgate das relações rurais e de dinâmicas próprias desses estilos de vida regionais que se tornaram suas marcas mais enérgicas.

Esse aspecto revigorou fortemente no romance regionalista de 1930, que significou um dos momentos mais profícuos da literatura brasileira de cunho regional, porque agenciou uma profunda autenticação de desconhecidas realidades nacionais, uma necessidade daquele momento histórico que foi sentida por um grupo de intelectuais que, de modo mais ou menos consonante e guardadas as devidas divergências ideológicas, propunham pensar o Brasil dentro de suas especificidades de formação sociocultural.

Ao contrário do que ocorreu com o movimento modernista paulista, cujo ânimo criativo arrefeceu significativamente passada a década de 20 (ALMEIDA, 1999, p. 202-3), os escritores regionalistas tinham como meta realizar um aprofundamento das questões sociais do Nordeste, e passaram a constituir um quadro de referências descentralizado da posição, até então suprema, ocupada pelos intelectuais do Rio de Janeiro. Tal como afirma José Maurício Gomes de Almeida em seu estudo sobre *A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)*: “Com a geração de 30, tanto na prosa como na poesia, o novo estado de coisas se afirma com mais

vigor, sendo mesmo possível falar-se, no campo do romance, em uma hegemonia nordestina” (ALMEIDA, 1999, p. 205).

Em suma, o movimento regionalista brasileiro encetado por intelectuais nordestinos como resposta ao movimento modernista de São Paulo desencadeou uma preocupação no âmbito das modernas letras brasileiras que se estendeu para além do espaço pernambucano, lugar de referência para jornalistas, poetas, cronistas, contistas e romancistas que se dedicavam ao tratamento da matéria regional enquanto expressão parcial da nacionalidade brasileira, os quais se preocupavam, enquanto geração renovadora, em discutir os problemas do Brasil, buscando interpretá-los para melhor compreender o caráter de sua formação social e de sua história.

Com o amadurecimento dessas propostas, surgem importantes obras que foram produzidas na esteira da concepção regionalista voltada para a captação de determinadas tradições que caracterizam uma unidade regional.

Do conjunto dessa produção, os ciclos literários se destacam pela continuidade e síntese narrativa que condensam elementos essencialmente determinantes da vida social em uma região específica. Os ciclos da cana-de-açúcar, de José Américo de Almeida e José Lins do Rego; do cacau, de Jorge Amado; do gaúcho, de Erico Verissimo, e da seca, empreendido pelas obras de Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, cada escritor contribuindo para o conjunto com suas peculiaridades, conduziram a um reconhecimento das realidades longínquas dos grandes centros que revelavam o caráter das relações do homem com seu espaço e com outros sujeitos, fortificando-se, de modo particular e contundente, na analogia entre trabalho e existência, isto é, o homem aparece transpassado pela sua forma de trabalho que passa a caracterizar, primordialmente e em essência, a sua relação existencial com o mundo.

Nos anos 1930, em Cabo Verde, surge a *Revista Claridade* pelas mãos de Manuel Lopes, Jorge Barbosa e Baltasar Lopes da Silva (seus idealizadores), cuja primeira publicação data de março de 1936, na “capital cultural” do Mindelo, ilha de São Vicente. Seus postulados se direcionavam também para uma renovação artística capaz de expressar o caráter nacional do arquipélago. Ainda que sua independência política só tenha sido alcançada em 1975, esses intelectuais já identificavam um conjunto cultural próprio do ambiente das ilhas e lançavam as bases de diferenciação que seriam depois recrudescidas no processo de emancipação política.

A fragmentação inerente à realidade isleña tornava a comunicação entre as ilhas um ponto frágil na construção de um sentido de nacionalidade para o arquipélago. O grande esforço dos intelectuais que se organizaram em torno da revista se direcionou para a recolha e reunião de elementos culturais, das manifestações linguísticas, do folclore, da religião, da música, da organização social e da atividade econômica das ilhas, em um

empreendimento que em muito se aproxima do regionalismo modernista brasileiro, que buscou também através da literatura alcançar as mais variadas realidades regionais com propósito integrador, embora com um ponto de vista ideológico bem distinto daquele do articulador do movimento nordestino.

Em ambos os casos, entretanto, observa-se um esforço intelectual pelo reconhecimento de aspectos locais determinantes de realidades específicas, mas sempre buscando-se encontrar na universalidade, mediante a busca por um alcance maior e transcendental da condição regional. Projeta-se, assim, através da literatura, da música, do folclore e dos costumes populares, assim como dos ensaios de interpretação que proliferaram a partir de então em ambos os cenários, uma visão do local que é articulada ao nacional, ou seja, a nação é vista sob a perspectiva de que é conformada por pontos profusos de manifestações diversas do ser brasileiro e do ser cabo-verdiano.

A sistematização articulada pelos trabalhos publicados no periódico claridoso no período de março de 1936 a dezembro de 1960, contabilizando ao todo nove números, contribuiu para a compreensão das ilhas como partes autônomas do arquipélago. Nesse sentido, a proposta de Gilberto Freyre, que teve impacto no mundo de língua portuguesa justamente pelo aspecto já mencionado de reconhecimento da participação do negro e da miscigenação característica das jovens sociedades resultantes do fluxo humano e cultural entre os continentes europeu, americano e africano, ganhou um importante sentido na interpretação da sociedade cabo-verdiana fortemente miscigenada e centrada no âmago desse fluxo.

A identificação projetada pelos intelectuais de Cabo Verde se deveu ao acesso destes a obras do regionalismo nordestino que cedo ou tarde, por via direta ou indireta, parecem ter circulado entre os grupos de intelectuais de Angola, Cabo Verde e Moçambique, principalmente, que articulavam um projeto de nacionalismo:

Claro, nem sempre a cultura e a literatura brasileiras vieram directamente do Brasil para Cabo Verde. Por via de regras essa linha recta Brasil-Cabo Verde transmuda-se no triângulo Brasil-Portugal-Cabo Verde. E posteriormente, como vamos ter ocasião de verificar mais de espaço, foi por “sistema de empréstimo”, a que Baltasar Lopes se refere, que os jovens dinamizadores de *Claridade* tomaram contato com a moderna literatura brasileira (CLARIDADE, 1986, p. 29).

Como em seguida revela o testemunho de Baltasar Lopes da Silva, pronunciado na Rádio Barlavento a propósito da breve e desapontada visita

feita por Gilberto Freyre em 1951 ao arquipélago, o empréstimo e circulação de obras contribuíram para a dinamização das propostas claridosas:

Há pouco mais de vinte anos, eu e um grupo reduzido de amigos começámos a pensar no nosso problema, isto é, no problema de Cabo Verde. Preocupava-nos sobretudo o problema da formação social destas ilhas, o estudo das raízes de Cabo Verde. Precisávamos de certezas sistemáticas que só nos podiam vir, como auxílio metodológico e como investigação, de outras latitudes. Ora aconteceu que por aquelas alturas nos caíram nas mãos, fraternalmente juntas, em sistema de empréstimo, alguns livros que consideramos essenciais *pro doma nostra*. Na ficção, o José Lins do Rego d'*O Menino de engenho*, do *Banguê*; o Jorge Amado do *Jubiabá* e *Mar morto*; o Amândio Fotes d'*Os corumbas*; o Marques Rebelo d'*O caso da mentira*, que conhecemos por Ribeiro Couto. Em poesia foi um alumbramento a “Evocação do Recife”, de Manuel Bandeira, que, salvo um ou outro pormenor, eu visualizava com as suas figuras dramáticas, na minha vila da Ribeira Brava (CLARIDADE, 1986, p. 29).

Não obstante as dificuldades de difusão e circulação, criou-se um intenso circuito de leitores que foi alimentado pelo anseio de compreender e construir em um espaço de erudição a dimensão cultural das ilhas.

Nesse diálogo criado pela circulação de obras e ideias, para Alfredo César Melo (2014), houve dois parâmetros de abordagem da teoria lusotropicalista freyreana:

a de militantes marxistas como Mário Pinto de Andrade e Amílcar Cabral, centrado na construção da nação a partir da identidade marxista tricontinental; e a de intelectuais com enfoque mais culturalista, como os cabo-verdianos Baltasar Lopes e Gabriel Mariano. A diferença entre duas abordagens está no posicionamento de tais intelectuais: enquanto Andrade e Cabral criticam o lusotropicalismo a partir de uma visão tributária do ideal de socialismo, os cabo-verdianos questionavam o ideário lusotropical a partir de uma visão alternativa do hibridismo (MELO, 2014, p. 84).

A formulação do conceito de hibridismo nos termos propostos por Baltasar Lopes da Silva e Gabriel Mariano ponderam, com base na sociedade

mestiça de Cabo Verde, as brechas deixadas pela teoria de Gilberto Freyre. Ainda nas palavras de Melo (2014):

o estudo da recepção de *Casa-grande & senzala* em Cabo Verde ajuda a montar um quadro mais complexo da relação de Gilberto Freyre e sua obra com o mundo lusófono. Se o ensaio principal de Freyre ofereceu intuições depois desenvolvidas pela teoria lusotropical para defender a presença dos portugueses na África, é certo dizer que também influenciou de maneira decisiva a imaginação de alguns intelectuais africanos na luta pela afirmação de uma cultura nacional. Não se pode perder de vista essa ambivalência fundamental do texto freyreano, explicada, em parte, pelo fato de *Casa-grande & senzala* ser uma obra na qual tanto o português como o africano são retratados como os civilizadores do Brasil. Mais exato do que afirmar que o lusotropicalismo tem sua origem nas obras iniciais de Freyre, é indicar que *Casa-grande & senzala* apresenta argumentos ambíguos, que foram desenvolvidos em direções opostas no mundo lusófono, indo de gestos claramente anticolonais à apologia do mais velho colonialismo europeu. Creio que essa recepção ampla é reveladora tanto da ambivalência ideológica do próprio texto, como da inserção bastante complexa de Freyre nessa triangulação transatlântica entre Brasil, Estado Novo salazarista e intelectuais africanos (MELO, 2014, p. 88).

Não percamos de vista ainda que *Casa-grande & senzala* é também considerado, além de ensaio sociológico, como um romance. Portanto, a linguagem usada por Gilberto Freyre está perpassada pela ambiguidade presente no discurso ficcional. Mas em linhas gerais, tal como conclui Melo (2014, p. 98), a elaboração da teoria lusotropicalista de Gilberto Freyre em *Aventura e rotina* o conduziu para a direção oposta de seus trabalhos iniciais e a confrontação de sua obra e seu discurso feita por Baltasar Lopes e Gabriel Mariano, cada qual de sua forma, conduziram as teses do sociólogo brasileiro ao plano das contradições.

Como o foco deste artigo não é tratar especificamente da recepção da obra freyreana em Cabo Verde, mas do modelo de composição que os ciclos nordestinos representaram para a produção romanesca de Henrique Teixeira de Sousa, passemos à sua obra.

Henrique Teixeira de Sousa (1919-2006) colaborou com a *Revista Claridade* com um conto (“A família de Aniceto Brasão”), publicado no número nove (p. 43-50) colocado em circulação em dezembro de 1960, e dois

ensaios sociológicos: “A estrutura social da Ilha do Fogo em 1940” (nº 5, setembro de 1947, p. 42-4) e “Sobrados, lojas & funcos: contribuição para o estudo da evolução social da ilha do Fogo” (nº 8, maio de 1958, p. 2-8).

Formado em medicina, e exercendo a profissão ao lado de preocupações políticas e literárias, ele foi um dos mais produtivos escritores cabo-verdianos, particularmente dedicado à prosa, tendo se lançado oficialmente na lide literária nos anos 1940, quando começou a compor seu romance *Ilhéu de contenda*, publicado só em 1978. Romance que ganhou uma edição brasileira, publicada pela Editora Ática como parte da "Coleção de Autores Africanos", dirigida pelo professor Fernando Mourão entre as décadas de 1970 e 1980.

Teixeira de Sousa foi aluno do professor e filólogo Baltasar Lopes da Silva, sob incentivo do qual venceu um concurso de contos aos 17 anos. A obra *Chiquinho*, da autoria de seu mestre e de particular importância para a consagração do romance moderno cabo-verdiano, ganhou uma forte referência intertextual em seu primeiro romance, sendo um elemento determinante do futuro de sua personagem homônima, o que também já revela a sua concepção em relação à função que a literatura deve exercer no meio social em busca de superação.

A sua obra completa é composta por: *Contra Mar e Vento* (livro de contos de 1972) e pelos romances: *Ilhéu de Contenda* (1978), *Capitão de Mar e Terra* (1984), *Xaguete* (1987), *Djunga* (1990), *Na Ribeira de Deus* (1992), *Entre duas Bandeiras* (1994), *Oh Mar das Túrpidas Vagas* (2005). Com a sua morte, deixou incompletas duas outras obras, “São Jorge”, dedicada à figura do avô, e o romance-lírico “Na madrugada dos teus olhos”, cujo título homenagearia o verso de uma morna (expressão musical típica do arquipélago) de Amândio Cabral (PINTO, 2014, p. 12).

Em toda a sua produção, observa-se uma relação muito íntima na elaboração de seu processo narrativo entre memória e história, por conta disso o seu estudo demanda um reconhecimento da conjuntura social em que elas foram produzidas e com a qual dialogam de forma intensa por meio de sua construção narrativa e na composição de episódios que recorrem a acontecimentos históricos, dinâmicas culturais, tradições e transformações que determinaram o caráter da sociedade mestiça cabo-verdiana. Embora a composição cuidadosa dos enredos, da construção das personagens, do tempo e do espaço permitam o desprendimento das obras enquanto realizações estéticas e não como meros documentos sociológicos.

Em vista disso, em nossa pesquisa de mestrado,³ desenvolvemos um estudo que visou mapear a composição da série literária formada pelos

³PINTO, Bruna Carolina de Almeida. Entre “sobrados, lojas e funcos”: memória, identidade e representação literária na trilogia romanesca de Henrique Teixeira de Sousa. Faculdade de

romances *Ilhéu de contenda* (1978), *Xaguete* (1987) e *Na Ribeira de Deus* (1992) em termos de espaço e tempo, temas e personagens, buscando demonstrar a sua cronologia e a gradação que conformam as transformações da sociedade fogueense no curso dos anos empreendidos pelas narrativas.

Em oposição a um universo ficcional a que a "arte pela arte" ensaja construir, as narrativas de Henrique Teixeira de Sousa apontam para um universo real e concreto, de modo que a construção das personagens, a composição do tempo e do espaço e a gradação histórica mencionadas se recrudescem mediante a realidade na qual se situam. Mais que realismo, esse registro existencial realizado por meio da escrita é, portanto, a pedra de toque do labor literário de Teixeira de Sousa, sendo além de sua matéria essencial, o ponto que sua obra almeja também atingir em uma investida essencialmente crítica, sobre a qual incide seu investimento estético, seu *engagement*.

Para conceituar cronologicamente as obras da trilogia, procedemos a uma leitura prévia das mesmas obedecendo à ordem em que foram publicadas. Traçadas algumas diretrizes quanto aos enredos, uma segunda leitura pautada no tempo histórico (exógeno, mas determinante), em relação ao qual cada narração foi sistematicamente construída, permitiu-nos estabelecer os pontos de articulação temporal que revelaram a ordem cronológica do ciclo empreendido pelo autor: *Na Ribeira de Deus*, *Ilhéu de contenda* e *Xaguete*:

o autor promove com a trilogia — por meio de recursos ligados à memória — uma integralização das sínteses temporais que cada romance representa. Ou seja, a sua abordagem realista da diversidade cultural dessa região do arquipélago se dilui na construção e caracterização das personagens que ora são típicas, ora universalizantes, pensadas sob o intuito de representarem a universalidade premente no regionalismo. Tal ideia se aplica igualmente ao espaço que é construído em dois planos: o físico (regional) e o afetivo (universal). Juntos constituem importantes caracteres de representação que se fundem para demonstrar a especificidade e a universalidade das situações narrativas abordadas (PINTO, 2014, p. 23).

Com essa sequência romanesca, o autor erige pelo discurso e criação ficcionais uma síntese literária de mais de meio século da sociedade fogueense. Ponderada por etapas históricas, ela se configura, essencialmente,

mediante a formalização da confrontação de costumes e tradições erigidas e sustentadas ao longo dos séculos de colonização e dominação em face das transformações gestadas pela dinâmica social e pela negociação cultural que, em geral, tendem a reivindicar seu espaço em sociedades colonizadas em processo de emancipação.

Na Ribeira de Deus reúne um leque de situações narrativas que compõem uma vigorosa força de oposição e resistência coloniais, que foram especificamente abordadas em termos de língua, literatura, religião e música, elementos que são capazes de demonstrar as potencialidades do hibridismo cultural em Cabo Verde e que determinaram nessa sociedade, desde a sua gênese e povoação, o surgimento de uma simbiose cultural entre elementos europeus e africanos, uma convivência nem sempre vista de modo pacífico, mas é certo, compreendida como positivamente dinâmica e original dentro de sua proposta evolutiva. Para tanto, esse primeiro romance se inicia com uma lenda africana que delimita no plano formal e temático a divisão social tratada:

Quando Deus fez as criaturas, mandou-as a uma ribeira para se lavarem. As que chegaram primeiro, lavaram-se em água límpida e ficaram brancas. As que chegaram a seguir, lavaram-se em água turva e ficaram mulatas. As que chegaram no fim, encontraram a ribeira a secar, apenas puderam molhar a palma das mãos e a planta dos pés, e ficaram negras no resto do corpo. E ao branco, Deus deu uma caneta. Ao mulato, deu uma balança. Ao negro, deu uma enxada.

Lenda Africana (SOUSA, 1992, p. 10).

Por trás da composição da lenda popular africana que preludia o romance existe uma ordem que é transplantada para um eixo específico: o da sociedade fogueuse formada por uma aristocracia oligárquica que tem condições de manter sua fidalguia enviando os filhos para estudar na metrópole, de onde voltavam formados (por isso a associação feita à caneta), por comerciantes (balança) e por trabalhadores braçais que por não possuírem nada além de sua força física eram obrigados a vendê-la para sua própria subserviência. A ordem de chegada à ribeira constitui uma metáfora da hierarquização que caracterizava a sociedade da ilha do Fogo no início dos anos 1920:

Acabar com os pardieiros, só, não chega. É preciso acabar também FonteLexo e boa parte do Lém, porque ninguém, com certeza, querará manter a nossa futura cidade de braço dado com a tabanca. Esta será a tarefa mais importante e empenhada

do nosso mandado. O nosso programa é ambicioso a longo prazo e exigente a curto prazo. Desde já convidamos os cidadãos mais humildes a transferirem os seus casebres para as proximidades da Achada Bombardeiro, dentro da área que mandaremos delimitar com marcos caiados de branco. Não estamos, com isso, a escorraçar ninguém de S. Filipe. As pessoas que tiverem agora de deixar os seus funcos, poderão um dia voltar desde que aqui consigam construir habitações civilizadas. Somos republicanos convictos, professamos a religião da liberdade, igualdade e fraternidade. Isto, porém, não significa que fazemos tábua rasa da hierarquia social. Sem hierarquia social, transformar-nos-íamos em animais encurralados nesta ilha, sem rei, nem roque, sem princípios éticos e morais, sem por conseguinte aquele conjunto de valores que impulsionam a qualificação humana em todos os aspectos. Liberdade, igualdade e fraternidade, sim, mas 'chacun à sa place' (Colégio de S. Fiel) (SOUSA, 1992, p. 241).

A determinação feita por Augusto Barroso, representante recém empossado do partido republicano na política local, aponta para um ideal de urbanização da ilha que não só segrega como também desaloja fisicamente os moradores dos funcos. Por meio do mergulho na dinâmica cotidiana de seus habitantes, a narrativa promove a denúncia das estruturas e das situações de descaso e de exploração que mostram suas consequências, sobretudo, na perpetuação da desigualdade. E é justamente atuando em uma linha inversa e de compensação dessas disparidades sociais por meio da reinvenção de valores que a proposta literária de Teixeira de Sousa subverte esse discurso de estigmas coloniais, desencadeando um processo de negociação cultural.

Embora existam outros exemplos enérgicos na obra, nos limitaremos aqui a citar o caso específico da religião, pois ele é um dos que melhor sintetiza um processo de "fabricação" de uma consciência de exercício cultural e cívico.

A primeira cena do romance com a qual o leitor se depara é a procissão dedicada à Nossa Senhora do Socorro:

Nhô Sérvulo mantinha-se atento. Logo que detectou o primeiro sinal de procissão, pulou para junto do andor. Noca voltou a resmungar. Quatro elementos do Sete-Estrêlo avançaram para a imagem. O comerciante de Patim deitou a mão a um dos paus. Alguém retirou-lhe a mão com delicadeza. Tentou segurar outra pega. Não conseguiu. Os quatro elementos apossaram-se

da imagem, como, com todo o direito, lhes competia. Tinham recebido um pedido da Noca quem, aliás, muito os apreciava. Ao abrirem ala para deixarem passar a santa, os fiéis compactaram-se dentro da capela. Nhô Sérvulo ficou enlaidado entre Noca e uma mocinha loira, remexida, bem cheirosa. Assim se quedou por segundos, roçando-se na fofeza e no perfume da gente fina. Mas Noca não gostou da roçadura. — Oh homem que ideia a sua de se meter neste lugar? Credo! Não podia ter ficado lá fora onde estão todos? — Todos quem? — aí nhô Sérvulo se sentiu ofendido. — Todos da sua igualha — respondeu-lhe Noca com a franqueza que a caracterizava (SOUSA, 1992, p. 19).

Enquanto espaço oficial de devoção, a igreja restringe o acesso e mantém a hierarquia, funcionando como mecanismo de delimitação e obediência social. A tradição do festejo realizado no dia 5 de Agosto era sustentada pelas famílias brancas que assumiam um papel de mediação cultural entre a metrópole e a colônia, dando continuidade à difusão do imaginário religioso europeu.

Mas a situação abordada no romance aponta para o arrefecimento dessas tradições como consequência da degeneração das famílias brancas, devido à prática comum do casamento consanguíneo que visava, sobretudo, manter as riquezas familiares. Com o definhamento da estirpe e as exigências para a contração do casamento, muitas mulheres como Noca envelheciam em defesa dos bons costumes senhoriais e não conseguiam perpetuar sua linhagem, interrompendo a árvore genealógica que, por fim, tendia a se extinguir.

O fenômeno da mestiçagem, ao contrário, começa a se mostrar vigoroso não só do ponto de vista biológico, mas também da emulação de novos parâmetros culturais. O mestiço comerciante de Patim vendo-se privado, assim como tantos outros, de exercer a sua devoção perante a santa portuguesa, empreende a criação de uma “santa dos esquecidos”, daqueles que não puderam chegar a tempo na ribeira. E tendo encontrado a aparição da Virgem Maria cinzelada no tronco de uma árvore, ele discretamente contrata o escultor de gessos Tomé Laia, da ilha Brava, para “tornar mais nítida com as suas ferramentas” (SOUSA, 1992, p. 185) a imagem protetora. Apresentada a santa, Sérvulo ainda principia o incitamento a uma identificação popular: “Desta vez chegámos a tempo. Desta vez conseguimos lavar a sujidade das nossas almas e dos nossos corpos. Esta é a ribeira de Deus onde outros tinham chegado antes de nós”. (SOUSA, 1992, p. 316).

A invenção de uma nova santa associada ao discurso de Sérvulo projeta uma nova e mais enérgica analogia porque seu sentido se adaptada à

realidade local e não é importado de outra e simplesmente reproduzido, pois ela faz parte desse espaço:

inúmeras criaturas se achavam no local, de joelhos umas, pasmadas outras, ante a imagem da Virgem Maria com o Menino ao colo. Aquilo, sim, era mesmo nhâ Virgem Maria, sem tirar, nem pôr. Da cabeça aos pés, da coroa ao manto, nada faltava naquela imagem esculpida pela mão de Deus Todo Poderoso. — Nossa Senhora tenha piedade de nós — gritava a multidão aturdida (SOUSA, 1992, p. 217).

Assim, pelo discurso ficcional, o autor capta situações singulares e significativas para a sociedade em questão porque motivam importantes mudanças de paradigmas que atuam na elaboração de um novo sentido e na construção de suas próprias tradições. A sua leitura social se dá, pois, no sentido da ascensão do elemento híbrido em termos culturais, religiosos, linguísticos, étnicos etc., que mostram a força da miscigenação em atuação na sociedade cabo-verdiana.

Em *Ilhéu de contenda*, a saga familiar dos Medina da Veiga é contada pela perspectiva melancólica de Eusébio, o último descendente de uma linhagem de abastados donos de terras da ilha, iniciada com o seu trisavô Afonso Sanches da Veiga. Em alegoria à decadência, o romance tem início com o funeral da mãe de Eusébio. Seu esquife ocupa um espaço reduzido na igreja, disputando-o com os fiéis em festividade pelo dia de S. Lourenço:

A igreja estava apinhada de gente. Não de gente que viesse toda ao funeral de Nha Caela. Gente, sim, que estava ali, na maioria, para assistir à missa grande do dia de S. Lourenço. Desde o altar-mor até cá fora à entrada quase não havia lugar para cair uma agulha, tantos eram os pés e os joelhos que cobriam o chão. No meio da igreja, numa rodinha que pouco mais era que o espaço para meia dúzia de covas de milho, descansava o caixão de Nha Caela (SOUSA, 1978, p. 13).

O processo dialético empreendido pela narrativa focaliza a interdependência de símbolos sociais em torno da transformação da dinâmica social marcada pela divisão em sobrados, lojas e funcos e a gradativa superação dessa escala hierárquica. Assim como observa José Luís Hopffer Almada, a importância de *Ilhéu de Contenda* consiste em traçar a fase:

da decadência das antigas Famílias e da ascensão de novas categorias sociais, constituídas por Negros e Mulatos. O binómio decadência-ascensão explicita-se como integrando vários factores e sendo de natureza complexa. Entre esses factores pode-se apontar a partilha dos patrimónios acumulados e a conseqüente desagregação do Morgadio, a degeneração física pelo casamento entre parentes consangüíneos das classes possidentes, a emigração, a instrução, a seca, a competição social e a emergência do ‘mundo que o mulato criou’ (Gabriel Mariano). Do mesmo modo são múltiplos os símbolos presentes em Ilhéu de Contenda, dos quais destacamos: o sobrado enquanto espaço de identificação e reprodução das classes dominantes; a loja enquanto lugar de enriquecimento e propulsor de novas dinâmicas sociais; o ‘morgadio’ enquanto complexo de terras, latifúndios e face visível do passado económico da ilha. Todos esses símbolos interpenetram-se, condicionando-se mutuamente, na sua existência e pertinência social. Assim, o morgadio e a loja constituem o sustentáculo económico do sobrado, sendo este o selo social daqueles. A queda social coincide com a mudança da posse do sobrado e a sua ocupação pelos novos potentados. A nova ascensão social coincide com a apropriação do sobrado e de toda a memória nele ínsita (ALMADA, 1998, p. 170).

A condição decadente se projeta de modo particular sobre Eusébio, personagem a partir da qual a narrativa constrói o sentido da crise para esse grupo dominante. Em dificuldades financeiras e prestes a dividir as propriedades da família em direitos hereditários, Eusébio vivencia a perda da autoridade representada pela família Medina da Veiga, acoplado a esta também o espaço aparece em lenta, mas progressiva, liquidação:

Os carpinteiros martelavam, martelavam, e as pancadas soavam em baixo, no escritório, impiedosas embrulhando de angústia o coração de Eusébio. [...] A ganância, a voracidade, a eficiência do irmão eram exactamente como as marteladas secas, certas, que vinham do primeiro andar. Ergueu-se da cadeira rotativa e pôs-se a passear no escritório. Não conseguia escrever uma linha nem somar duas parcelas. Aquela barulheira dos martelos por cima da cabeça entontecia-o. Para o irmão, era um epílogo festivo, mais uma vitória na vida. Para ele, Eusébio, isso representava uma das várias maneiras de morrer, mantendo-se vivo (SOUSA, 1978, p. 202-3).

A realidade dos grupos é captada de uma perspectiva interna. Assim, se a trajetória de Eusébio é marcada pela melancolia e impotência diante das transformações em curso, por outro lado, a trajetória dos mestiços é assinalada por um sentido de superação:

— É verdade, Alberto — interveio Nha Noca —, os negros também subiram sobrado. E este não Anacleto está todo puxado nas alturas, feito vogal da Câmara, a convidar governadores e toda a casta de gente graúda para a sua casa. Até vai mandar um filho para estudar em Lisboa. Calcula, Alberto, neto de Nha Domingona a estudar em Lisboa para engenheiro. Eh, o mundo está virado (SOUSA, 1978, p. 130).

A apropriação do maior símbolo da aristocracia de S. Filipe reverte o significado do *status* socioeconômico, um processo dolorosamente sentido pela antiga elite que se desagrega e, ao mesmo tempo, um êxito alcançado a custo de árduo trabalho como emigrante nos Estados Unidos:

Dez mil dólares por aquele mundão de casa, não era caro. Quantas vezes, trabalhando nas fábricas de Providence, Pawtucket, Newport, sonhou com um sobrado em S. Filipe, onde pudesse depois gozar o fruto do seu labor por terras da América. O sonho ia ser realidade, e logo no casarão duma das famílias mais brancas da ilha. [...] Seria, sim, um homem importante da cidade, como foi, por exemplo, Nhô Pedro da Veiga. Passaria também a fazer como os grandes de outrora, morando em S. Filipe e visitando as propriedades de vez em quando (SOUSA, 1978, p. 219).

A aquisição do sobrado se converte em uma busca pela redefinição de um espaço social que se configurou historicamente como explorador e opressivo. A compra negocia o sentido da projeção dessa memória, ainda que sob uma perspectiva idealizada de manter um estilo de vida já obsoleto e em vias de desaparecimento. Portanto, a superação da hierarquização em sobrados, lojas e funcos é definitivamente rescindida nesse romance, considerando-se a evolução social inerente à série narrativa empreendida por Teixeira de Sousa.

Finalmente, *Xaguete* elege como protagonista o mestiço Benjamim que retorna dos Estados Unidos depois de um longo expediente de trabalho. O reencontro com o espaço de sua infância e as recordações de Cristalina criam nele um ímpeto juvenil de conquista. O desejo de aquisição de um

sobrado respeitável é no fundo motivado pelo amor não correspondido pela “menina de frente altaneira” (SOUSA, 1987, p. 334):

Vinha disposto a meter ombros à reconstrução do velho prédio. Precisava de começar desde logo a preparar o seu alojamento definitivo, longe do rebuliço da América, do calor de assar e do frio de enregelar. Além disso, sozinho na Lafayette Street, sem mulher, sem filho, o Júnior morando em Bóston, sem o fôlego duma criatura a seu lado, precisava de arranjar uma companhia agradável e regressar de vez à tranquilidade doutros tempos. A pensão de reforma não era má. Todos os meses recebia-a em dólares. A um câmbio bastante alto, permitir-lhe-ia um nível de vida muito razoável. Além disso, deixou uma soma bastante bonita no Citizen Bank. Estava tudo bem planeado para esta nova fase da sua existência. Tudo que dependesse de dinheiro seria executado. Mas esse tudo não o satisfaria inteiramente se não arranjasse uma mulher que quisesse ser sua companheira dedicada e a quem também valesse a pena fazer feliz. Se tal não acontecesse, não daria por totalmente bem sucedido o seu regresso. Estava cansado de viver só no casarão de Lafayette Street.

Que era feito de Cristalina? (SOUSA, 1987, p. 22).

O almejado encontro com Cristalina não ocorre da forma como ele esperava:

Quando a viu naquele quarto do Cerradinho, tão queixosa e mansinha na cama, não lhe pareceu a mesma Cristalina, alta, pomposa doutros tempos. A cozinheira Eufémia conhecia imensas histórias e adivinhas. Quando perguntava, coisa como coisa, alta, pomposa, que dá luz para todo mundo, os meninos de casa respondiam em coro: “Lua.” Comparava, assim, a filha de nhô Guilherme, distante, luminosa, intocável, com a Lua (SOUSA, 1987, p. 113).

O amor de Benjamim pela menina se torna concretizável mediante o aceite do pedido de casamento feito a nha Crista. Entretanto, com a ideia do seu retorno ao sobrado da família, a noiva desentranha um orgulho abafado pelas condições em que então vivia:

Pelos portões abertos de par em par entrou a primeira lufada de crianças com adultos à mistura. As vagas sucederam-se até

entupirem o quintal do sobrado. Nem no inesquecível S. João se vira tanta gente sob a copa do tamarindeiro, sob a aba da varanda. Desataram aos vivas aos futuros donos da casa, cantando e dançando à roda do tronco da árvore. Só faltavam um tambor e um pilão ao meio para o ajuntamento se transformar na festa de bandeira. [...] Evacuaram finalmente o recinto, com boas palavras, é claro, e trancaram o portão. O tamarindeiro adormeceu com os atavios natalícios votados ao esquecimento. Voltou entretanto satisfeito para o pé de Cristalina, cuja cara metia medo. Até fazia um papo por baixo do queixo.

— Já passou. Já se foram embora.

— Para mim ainda não passou tudo. Onde foste descobrir aquela criatura horrível de sapatos de homem?

— Quem?

— Aquela mulher de casaco de malha.

— Balbina?

— Não sei, não fixei o nome dela. — É uma velha amiga de São Jorge. Foi ela que me ajudou a arranjar as lagostas.

— Olha, Benjamim, de futuro não metes ninguém em minha casa sem primeiro me consultares.

— Okay, Cristalina.

— É uma questão de educação. Não fui habituada a conviver com determinada gente...

— Para mim, toda a gente é gente. — Pois para mim não é assim (SOUSA, 1987, p. 338).

Cristalina, portanto, não aceita os vínculos do futuro marido com seus familiares e amigos, dos quais ficou tanto tempo separado. E essas diferenciações conduzem Benjamim à desrealização de suas ilusões, pois o preço a ser pago, isto é, o distanciamento dos seus entes queridos, para conservar a presença da amada não fazem sentido para ele:

Onde estaria o erro? Em Cristalina ou nos seus familiares? Vivia no Cerradinho porque não gostava de São Filipe actual. Instalou-se agora no sobrado paterno, querendo manter-se tão isolada como anteriormente. Ora ele, Benjamim de nha Quitéria, não estava disposto a emigrar dentro da própria terra (SOUSA, 1987, p. 346).

Deixando sua paixão por Cristalina se degenerar, Benjamim se permite viver um novo amor ao lado da jovem e doce mulata Rosa que

provocava nele os sentidos de menino, tendo o perseguido desde a sua chegada ao *Hotel Xaguete*: “Rosa e Benjamim achavam-se colados um ao outro, num dos cantos do terraço [...]. Ali surpreenderam o mano com a rapariga alapada ao peito. Riram-se para ambos como que apoiando semelhante namoro” (SOUSA, 1987, p. 348).

O romance termina com uma cena de germinação que projeta para o futuro casal os frutos de sua relação e a continuidade de uma geração que se erigiu pela resistência calcada no seu hibridismo. O americano, como é designado o protagonista, possui uma caracterização particular que determina seus modos, sua expressão linguística, que mistura o inglês ao crioulo e, de modo geral, a sua lógica cultural. É ao mesmo tempo uma condição única e padronizada, pois como afirma Juliana Braz Dias (2000):

O emigrante que regressa, ao menos aparentemente, mostra-se altamente bem-sucedido. É portador de muito prestígio dentro da sociedade cabo-verdiana, como vimos. [...]. Ele está sempre indo e vindo e, assim, alimentando continuamente o seu prestígio, que se fundamenta exatamente no seu vínculo com o exterior. A cada novo retorno, ele pode reforçar sua condição especial de alguém que tem acesso a conhecimentos, riquezas, bens e valores que não estão à disposição daquele que não partiu (BRAZ DIAS, 2000, p. 85).

A peculiar condição de cabo-verdiano americanizado de Benjamim, determinada pelo longo contato cultural que a vivência de 50 anos no exterior proporcionou-lhe, engendra uma noção de indivíduo que estabelece outras formas de conexões com o mundo, menos óbvias e às vezes controversas. É nesse fato que reside a riqueza da especificidade da diáspora para o cabo-verdiano: no jogo entre a proximidade e a distância, entre vínculo e ruptura que pessoalmente o sujeito se permite estabelecer em vez de seguir tradições rígidas que delimitam as formas de pensar. Por isso Benjamim é um sonhador, um idealista, mas que também não teme se aventurar, se permite viver e se entrega ao incógnito futuro que se lhe aponta, sem as amarras estabelecidas por uma ordem que caracterizam a visão de Cristalina.

A mestiçagem constitui, pois, um tema recorrente na literatura do arquipélago, e foi abordado por Henrique Teixeira de Sousa como um elemento primordial para compreender a base dessa sociedade em sua fase moderna, a qual é abordada no último estágio de seu ciclo romanesco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trilogia romanesca sobre a conjuntura fogueense dos “sobrados, lojas e funcos” se apresenta como um amadurecido arranjo estético que assume um sentido de evolução na qual o elemento resultante da origem compósita dessa sociedade garante o seu papel de protagonismo.

Conforme a detecção do trabalho realizado por José Maurício Gomes de Almeida (1999), uma obra não se configura como regionalista precisamente quando apresenta aspectos da vida regional, mas quando faz desses aspectos a sua principal substância. Portanto, se o regionalismo não se situa no cerne da composição de uma obra, constituindo apenas um adorno ou um incremento da obra e não essencial a sua cosmovisão, então ela não é regionalista.

As construções figurativas do espaço no interior das narrativas constituem um aspecto de grande ênfase na composição dos aspectos regionalistas das obras, compondo também em termos evolutivos uma nítida trajetória do rural ao urbano, o que promove um verdadeiro mergulho pelo interior da ilha. Seus narradores são criaturas profundamente imersas no universo relatado e também atuam como uma personagem que está em cordial coexistência com os destinos narrados.

Ainda a respeito da condição regional em que as obras foram compostas, cabe ressaltar a formulação das personagens a partir de suas manifestações linguísticas, culturais e de suas crenças religiosas, assim como do espaço físico que projeta uma realidade específica e determina os dramas e as expectativas.

Tais aspectos de vivências específicas transpõem, entretanto, as barreiras da representação regionalista para alcançar um redimensionamento essencial da condição humana mediante a demonstração da capacidade dos homens de criar novas formas de cultura e sociabilidade quando as velhas já não são capazes de atender às suas expectativas.

Retomando a discussão acerca da composição dos ciclos literários brasileiros e os postulados regionalistas que circularam nos países africanos pelas mãos dos intelectuais, por meio dos quais um sentimento nacionalista começou a ser gestado em cada um deles, podemos concluir que a noção de edificar uma séria literária para compreender o estilo de vida de uma região foi capitaneada no empreendimento literário de Henrique Teixeira de Sousa, entretanto, ao contrário de promover o retorno à ordem e à tradição, ainda que haja um inegável reconhecimento de sua importância para a constituição da sociedade local, elas revelam uma progressiva reformulação dessa estrutura por meio da dinâmica transformadora e emuladora do universo mestiço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMADA, José Luís Hopffer. A ficção cabo-verdiana pós-claridosa: aspectos fundamentais da sua evolução. In: VEIGA, Manuel. (Coord.) *Cabo Verde: literatura e insularidade*. Paris: Éditions Karthala, 1998.

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

AZEVÊDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo nos 20 anos em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

BRAZ DIAS, Juliana. A volta do filho próspero: emigrantes cabo-verdianos retornados e seus familiares. In: TEIXEIRA, Carla Costa. (Org.). *Em busca da experiência mundana e seus significados: Georg Simmel, Alfred Schutz e a Antropologia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 65-95.

D'ANDREA, Moema Selma. *A tradição re(des)coberta: o pensamento de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e/ou literárias nordestinas*. Campinas: Editorada Unicamp, 1992. (on-line).

FERREIRA, Manuel (Org.). *Revista Claridade*. Ed. Fac-similar. Lisboa: ALAC, 1986.

MELO, Alfredo César. Relendo Freyre contra Freyre: apropriações contra-hegemônicas do hibridismo no Atlântico Sul. *Via Atlântica*, São Paulo, n.25, p. 83-101, jul. 2014.

SOUSA, Henrique Teixeira de. *Ilhéu de contenda*. Publicações Europa-América: Mem Martins, 1978.

_____. *Xaguete*. Publicações Europa-América: Mem Martins, 1987.

_____. *Na Ribeira de Deus*. Publicações Europa-América: Mem Martins, 1992.

Data de recebimento: 31 de dezembro de 2015

Data de aprovação: 30 de maio de 2016.